



Universidade de São Paulo

Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI

Outros departamentos - FFLCH/Outros

Artigos e Materiais de Revistas Científicas - FFLCH/Outros

2008

Os relatos de reconhecimento de Quaresma Delgado

Varia Historia, v.24, n.40, p.689-706, 2008

<http://producao.usp.br/handle/BDPI/7041>

Downloaded from: Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI, Universidade de São Paulo

Os relatos de reconhecimento de Quaresma Delgado

The Quaresma Delgado's accounts of reconnaissance

MÁRCIO ROBERTO ALVES DOS SANTOS

Mestre em História pela UFMG/Doutorando em História Social pela USP
marciosantosms@yahoo.com.br

RESUMO Os roteiros de Quaresma Delgado, explorador contratado pelas autoridades coloniais para investigar e mapear parte do sertão mineiro e baiano na década de 30 do século XVIII, são estudados como típicos *relatos de reconhecimento*, característicos de um período em que a exploração e o mapeamento territorial se fortaleciam como práticas científicas ilustradas. O texto – o relato de reconhecimento – e a imagem cartográfica – o mapa – produzidos por Quaresma Delgado são abordados como elementos constituintes mutuamente complementares de uma abordagem técnica, cujo propósito central é traduzir, numa linguagem controlada, as paisagens naturais e humanas observadas pelo explorador.

Palavras-chave Sertão, Relato de reconhecimento, Ilustração

ABSTRACT The itineraries of Quaresma Delgado, explorer contracted by colonial authorities to investigate and map part of Minas Gerais and Bahia

* Artigo recebido em: abril/2008.

“sertão” in the 1730’s, are studied as typical accounts of reconnaissance, characteristic of a period when the exploration and mapping of the territory fortified themselves as illustrated scientific practices. The text – the account of reconnaissance – and the cartographic image – the map – produced by Quaresma Delgado are treated as constituent elements mutually complementary of a technical study, whose central aim is to describe, in a controlled language, the natural and human landscapes observed by the explorer.

Keywords Sertão, Account of reconnaissance, Illustration

Introdução

Na introdução, a *Geography and Enlightenment*, obra composta por artigos produzidos por geógrafos e historiadores da geografia, David Livingstone e Charles Withers exploram a relação entre o conhecimento geográfico e o Iluminismo a partir da chave analítica a que chamam “geografias de conhecimento localmente situadas”. O conhecimento, em geral, e o conhecimento geográfico, em particular, têm uma dimensão local de produção, circulação e recepção, que engendra determinados significados e determinadas hierarquias de poder:

Isso coloca questões tanto sobre os mecanismos por meio dos quais o conhecimento é alcançado e por meio dos quais certas formas de conhecimento se tornam dominantes, quanto sobre os usos colocados para certos conhecimentos. Como Foucault e outros mostraram, o conhecimento é um meio de poder, um poder inscrito no espaço e no tempo em determinados arranjos institucionalizados.¹

Para os autores, a construção de significados a partir de práticas particulares de investigação, focadas em sítios locais, permite afirmar o caráter de espacialidade dos discursos científicos de historiadores naturais e geógrafos do século XVIII. Dialeticamente, a origem do conhecimento universal da natureza e do homem, buscado pelo Iluminismo, pode ser traçada a partir de encontros locais com regiões particulares do mundo. Nessa perspectiva, viajar, mapear, nomear e classificar se colocavam como práticas privilegiadas de produção de conhecimento. “Mapear é, assim, central para o que podemos perceber como a complexidade discursiva da geografia como uma forma de conhecimento e um meio de racionalização iluminista práti-

1 LIVINGSTONE, David N.; WITHERS, Charles W. J. Introduction: on Geography and Enlightenment. In: LIVINGSTONE, David N.; WITHERS, Charles W. J. *Geography and enlightenment*. Chicago: The University of Chicago Press, 1999, p.16.

ca”.² “Mapear” tem, aqui, tanto o sentido material de um processo prático de produção de conhecimento geográfico quanto o sentido metafórico de um projeto de situar políticas de Estado, disciplinas científicas e práticas de conhecimento no grande mapa do conhecimento humano que o Iluminismo buscava delinear. No século XVIII, mapear significa, na interpretação dos autores, “tomar a medida do pensamento iluminista”.³

O propósito deste trabalho é abordar um conjunto de documentos históricos, conhecidos como “roteiros de Quaresma Delgado”, como uma prática de produção de conhecimento geográfico inserida no contexto científico de emergência do discurso ilustrado e no contexto geopolítico de fortalecimento do controle português sobre o território luso-americano. A “aposta” epistemológica que orienta as minhas reflexões é de que os roteiros de Quaresma Delgado, produzidos na década de 30 do século XVIII, podem ser considerados o resultado de uma prática de reconhecimento territorial que traz, para o âmbito local do sertão baiano e mineiro da América portuguesa, uma metodologia de investigação típica da ciência ilustrada.

Algumas teses sobre a cartografia setecentista luso-americana

O estudo contemporâneo da cartografia setecentista luso-americana tem se baseado em algumas teses, explícita ou implicitamente assumidas pelos pesquisadores, que tento identificar e caracterizar a seguir.⁴

1. Os padres matemáticos são os precursores da cartografia científica no Brasil.

Os jesuítas Diogo Soares, português, e Domingos Capassi, italiano, chegaram ao Brasil em 1730, com a missão oficial de “traçar, de forma sistemática, a cartografia do território brasileiro, não apenas da região costeira mas também do interior da colônia”.⁵ A produção dos chamados “padres matemáticos” – expressão pela qual eram conhecidos já no período colonial – consistiu em 28 mapas, abrangendo a costa, desde a capitania do Rio de Janeiro até o Rio da Prata e a Colônia do Sacramento, e o interior, incluindo as capitanias de Minas Gerais, São Paulo e Goiás; e nove plantas de fortificações do Rio de Janeiro. Esses trabalhos foram elaborados até

2 LIVINGSTONE, David N.; WITHERS, Charles W. J. Introduction: on Geography and Enlightenment. In: LIVINGSTONE, David N.; WITHERS, Charles W. J. *Geography and enlightenment*, p.21.

3 LIVINGSTONE, David N.; WITHERS, Charles W. J. Mappings. In: LIVINGSTONE, David N.; WITHERS, Charles W. J. *Geography and enlightenment*. Chicago: The University of Chicago Press, 1999, p.121.

4 Cabe informar que o termo “cartografia” é um neologismo cunhado em 1837, sendo que no século XVIII a produção de mapas constituía uma atividade interdisciplinar que rejeitava simplificação. EDNEY, Matthew H. Reconsidering Enlightenment Geography and Map Making: Reconnaissance, Mapping, Archive. In: LIVINGSTONE, David N.; WITHERS, Charles W. J. *Geography and enlightenment*. Chicago: The University of Chicago Press, 1999, p.169.

5 GUERREIRO, Inácio. Fronteiras do Brasil colonial: a cartografia dos limites na segunda metade do século XVIII. *Oceanos*, Lisboa, n. 40, p.24-44, outubro/dezembro de 1999, p.25.

1748, quando faleceu Diogo Soares, sendo que Domingos Capassi falecera oito anos antes.⁶

Os mapas e as plantas produzidos pelos padres matemáticos são considerados, pelos estudiosos contemporâneos, como o primeiro e mais importante passo da cartografia científica do território brasileiro. Ainda que se reconheçam as deficiências do trabalho dos dois jesuítas, que “ficou muito aquém do que se pretendia”, o *Novo Atlas do Brasil*, que reúne a sua produção, tem sido considerado como “o primeiro e mais importante passo para se proceder à cobertura cartográfica sistemática do território brasileiro, segundo os métodos científicos”.⁷

Em alguns casos as deficiências são esquecidas e essa tese é utilizada para exagerar o significado do trabalho dos padres matemáticos:

Vale a pena notar que, no limiar do segundo quartel do século XVIII, tudo que Diogo Soares consegue em seu inquérito são “notícias práticas”. Nenhum mapa, “taboada de latitudes”, ou qualquer outra peça de maior rigor científico é mencionada. Somente a análise desses códices poderá confirmar uma hipótese que parece evidente: até a época dessas notícias não havia mapeamento com maior critério científico no Brasil. São esses dois jesuítas que vão iniciar essa gigantesca tarefa.⁸

2. A cartografia setecentista luso-americana organizada por iniciativa da Coroa se prendeu a interesses geopolíticos e, por isso, se ateve principalmente às regiões de fronteira com a América espanhola.

Essa tese tem o seu precursor em Jaime Cortesão, que considerava a cartografia iniciada pelos padres matemáticos como “cartografia científica e de Estado”.⁹ Os empreendimentos cartográficos da primeira metade do século, especialmente o dos padres matemáticos, teriam se dado no bojo das primeiras discussões de limites com a Coroa espanhola, que redundariam, na segunda metade do século, na assinatura dos tratados de Madrid (1750) e de Santo Idelfonso (1777). O foco, portanto, era a “separação dos domínios de Castela pelo sertão”,¹⁰ pois o *Conselho Ultramarino* estava consciente da “necessidade de reconhecer, quanto antes, o território interior do Brasil para estabelecer os limites mais convenientes à Coroa portu-
gue-

6 A cronologia da missão dos padres matemáticos, acompanhada de uma lista detalhada dos seus mapas e plantas, bem como das notícias, elaboradas por exploradores, que serviram de base ao trabalho dos jesuítas, podem ser encontradas em CORTESÃO, Jaime. *História do Brasil nos velhos mapas*. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores/ Instituto Rio Branco, 1957-, t. II, p.190-234.

7 GUERREIRO, Inácio. Fronteiras do Brasil colonial: a cartografia dos limites na segunda metade do século XVIII. *Oceanos*, p.25.

8 TOLEDO, Benedito Lima de; JOÃO FORTES ENGENHARIA. *O real Corpo de Engenheiros na capitania de São Paulo*: destacando-se a obra do brigadeiro João da Costa Ferreira. São Paulo: João Fortes Engenharia, 1981, p.34.

9 CORTESÃO, Jaime. *História do Brasil nos velhos mapas*, p.201.

10 *Apud* ALMEIDA, André Ferrand de. Os jesuítas matemáticos e os mapas da América portuguesa (1720-1748). *Oceanos*, Lisboa, n. 40, p.79-93, outubro/dezembro de 1999, p.82.

sa".¹¹ Deriva desse foco geopolítico, portanto, o fato de que a missão dos padres matemáticos tenha se concentrado nas terras a oeste e ao sul da colônia, confinantes com os domínios de Espanha.

3. A cartografia iluminista luso-americana se consolidou cientificamente na segunda metade do século.

Para essa tese, teriam sido as expedições científico-demarcatórias, oriundas da assinatura dos tratados de Madrid e de Santo Idelfonso, ambos da segunda metade do século XVIII, os empreendimentos que consolidaram a cartografia científica luso-americana. O papel dos engenheiros militares teria sido decisivo nessa consolidação, materializada na produção de mapas do interior do território colonial e de plantas e projetos de fortificações. Para Beatriz Bueno, por exemplo, "o conceito iluminista de engenheiro e de território chegaram a Portugal e ao Brasil durante o reinado de D. José I (e seu Primeiro Ministro, o Marquês de Pombal), consolidando-se nos tempos de D. Maria I".¹² Os empreendimentos anteriores, entre eles a missão dos padres matemáticos, teriam sido uma "preparação" – o termo é também de Bueno¹³ – desse momento de solidificação de uma cartografia iluminista luso-americana.

Sem que se pretenda uma investigação em profundidade dessas questões, tento, neste texto, confrontar as teses acima expostas com o levantamento topográfico realizado no sertão baiano e mineiro, na década de 30 do século XVIII, por um prático contratado pela Coroa portuguesa.

Os roteiros de Quaresma Delgado

Em 21 de maio de 1729 o rei emite provisão ordenando o vice-rei do Brasil, o conde de Sabugosa, a mandar

por engenheiros observar com distinção os sertões das Minas Novas e todo aquele Continente para saber a distância em que ficava dos portos da marinha, a sua capacidade, e Povoações, que compreende, e que de tudo fizessem mapas.¹⁴

Esse parece ter sido o primeiro passo para as viagens exploratórias de Joaquim Quaresma Delgado. Com efeito, premido pelo que chama "a falta

11 ALMEIDA, André Ferrand de. Os jesuítas matemáticos e os mapas da América portuguesa (1720-1748). *Oceanos*, p.82.

12 BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. *Desenho e designio: o Brasil dos engenheiros militares (1500-1822)*. São Paulo: USP, 2003. (Arquitetura, tese de doutorado), p.480.

13 BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. *Desenho e designio*, p.469.

14 A provisão real, que não encontrei, é resumida na resposta dirigida pelo conde de Sabugosa ao rei, em 1731. "CARTA sobre o que resultou da diligência que mandou fazer por um Piloto desta Cidade até as Minas Novas". 3/10/1731. Arquivo Público do Estado da Bahia. Seção Colonial e Provincial – Colônia. Ordens régias. Livro 27, Doc. 129.

de engenheiros", o vice-rei resolve passar a tarefa a esse sertanista, que considera "piloto aprovado, como pelas informações, e conferência que com ele tive em que lhe descobri prática, curiosidade e inteligência, para fazer com mais individuação o referido exame".¹⁵

Decide ainda o vice-rei aumentar as atribuições do explorador, determinando-lhe que incursione não só pela região das Minas Novas, mas também "por outras muitas partes".¹⁶

Assim, em 12 de janeiro de 1731, Quaresma Delgado é designado, pelo vice-rei, para, a partir da cidade da Bahia, seguir em direção à recém descoberta região aurífera de Minas Novas, devendo, durante o percurso,

observar pela estrada por onde se faz caminho para aquelas minas as povoações, rios, serras e mais coisas dignas de atenção, averiguando os nomes e as distâncias em que ficam umas das outras e também as partes em que se costumam a arrancar os comboieiros com conveniência de águas e mantimentos, o que se fará principiando logo da Vila da Cachoeira, resumindo tudo a uma relação com boa ordem, distinção e clareza.¹⁷

Além da região de Minas Novas, deveria o sertanista pesquisar também as regiões auríferas do Rio de Contas e Tocambira (Itacambira), bem como o que o autor das instruções denomina "o sítio do Paramirim, donde se tem descoberto prata", identificando as distâncias entre cada um desses locais e a cidade da Bahia e informando sobre as condições dos caminhos.¹⁸

Na carta citada, de 3 de outubro de 1731, o vice-rei, além de comunicar ao monarca as razões da escolha de Quaresma Delgado para a tarefa, repassa a Sua Majestade a "relação e mapa" que já recebera do explorador.¹⁹ Esse mapa é novamente referido em 29 de novembro do mesmo ano, quando o vice-rei, em carta ao mestre de campo Pedro Leolino Mariz, acusa o recebimento do "mapa que fez Joaquim Quaresma, que vejo admirável, em a minha satisfação".²⁰

15 "CARTA sobre o que resultou da diligência...". 3/10/1731. Pouco se sabe sobre a vida e a formação de Quaresma Delgado. O último registro documental que dele encontrei é de 4 de maio de 1735, quando foi nomeado, pelo conde de Sabugosa, capitão-tenente de mar-e-guerra *ad honorem*. Arquivo Público do Estado da Bahia. Seção Colonial e Provincial – Colônia. Patentes. Códice 354, p.75. Para esse ato possivelmente terá contribuído o bom desempenho, pelo agraciado, das suas tarefas no sertão baiano, nos anos anteriores. É ainda digno de nota que no ato de nomeação Quaresma Delgado é considerado "pessoa de valor com experiência da guerra naval".

16 "CARTA sobre o que resultou da diligência...". 3/10/1731.

17 "CARTA sobre o que resultou da diligência...". 3/10/1731.

18 [PORTARIA com instruções para a viagem de Joaquim Quaresma Delgado], 12/11/1731. Publicado parcialmente em *Anais do Arquivo Público do Museu do Estado da Bahia*, Bahia: Imprensa Oficial do Estado, v. IV e V, p.237, 1919. Segundo Borges de Barros, em observação introdutória à publicação do texto da portaria, Quaresma Delgado recebera 150 mil réis para o empreendimento. Ainda segundo afirma o mesmo pesquisador, em outra publicação, os vencimentos do explorador eram de três mil cruzados por ano. *Anais do Arquivo Público do Museu do Estado da Bahia*, Bahia: Imprensa Oficial do Estado, v. VI e VII, p.274, 1920.

19 "CARTA sobre o que resultou da diligência...". 3/10/1731.

20 "CARTA para o Mestre de Campo Pedro Leolino Mariz", 29/11/1731. *Anais do Arquivo Público do Museu do Estado da Bahia*, Bahia: Imprensa Oficial do Estado, v. VI e VII, p.287, 1920.

Em 7 de junho de 1732 o rei, em resposta ao conde de Sabugosa, louva o “cuidado e zelo” com que este cuidara da incumbência, referindo, porém, não ter recebido o mapa de Quaresma Delgado, pelo que o vice-rei deveria remeter-lhe outra cópia.²¹

No mesmo mês de junho de 1732 o vice-rei informa ao mestre de campo Pedro Leolino Mariz ser “conveniente que Joaquim Quaresma Delgado continue a diligência de que fora encarregado [,] porque é importantíssima ao serviço de S. Majestade e mui recomendada pelo mesmo Senhor”. Conclui, assim, que devem ser providos ao sertanista todos os meios necessários à continuidade da empreitada, determinando ao mestre-de-campo que pague a Quaresma Delgado “o ordenado que lhe arbitrei”, com o “rendimento que tem a Fazenda Real nessas Minas, e ainda pelo dos quintos”.²²

Em 16 de setembro de 1732 o conde de Sabugosa encaminha ao rei outra cópia do mapa extraviado, recomendando enfaticamente que o capitão da nau que recebera a primeira cópia seja obrigado a dar conta dela.²³

Ainda que as viagens de Quaresma Delgado tenham, à vista desses documentos, ocorrido entre 1731 e 1732, pelo menos um dos roteiros foi certamente elaborado dois anos depois, pois nele o explorador refere-se a “este ano de 34”.²⁴

Note-se que a empresa exploratória de Quaresma Delgado se deu sobre extensa área do sertão baiano e mineiro, que incluiu os vales dos rios Paraguaçu, Paramirim, Verde Grande e as zonas auríferas de Minas Novas,

21 [CARTA régia ao vice-rei do Brasil louvando seu zelo nas diligências que mandou fazer por Joaquim Quaresma Delgado nos sertões das Minas Novas]. 7/6/1732. Arquivo Público do Estado da Bahia. Seção Colonial e Provincial – Colônia. Ordens régias. Livro 28, Doc. 68.

22 “CARTA para o Mestre de Campo Pedro Leolino Mariz”, 19/6/1732. *Anais do Arquivo Público do Museu do Estado da Bahia*, Bahia: Imprensa Oficial do Estado, v. VI e VII, p.283-284, 1920.

23 [CARTA do vice-rei do Brasil ao rei de Portugal, em resposta, avisando remeter pela frota o segundo mapa sobre os descobrimentos no sertão das Minas Novas]. 16/9/1732. Arquivo Público do Estado da Bahia. Seção Colonial e Provincial – Colônia. Ordens régias. Livro 28, Doc. 68A.

24 DELGADO, Joaquim Quaresma. “Derrota da Vila do Rio das Contas, entrando nos Crioulos, que é aonde principia a estrada para a Bahia até o porto de S. Pedro da Moritiba no rio da Cachoeira”, [1734]. Arquivo do Estado de São Paulo. Documentos relativos à história da capitania de S. Vicente e do bandeirismo (1548-1734), existentes no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, coligidos, copiados e anotados, de ordem do Governo do Estado. *Publicação Oficial de Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo*, São Paulo, v. XLVIII, p.126, 1929. Num dos outros roteiros, Quaresma Delgado refere-se ao “defunto Januário Cardoso”, o que colocaria em dúvida a afirmação categórica de Carvalho Franco, de que Januário Cardoso tenha morrido depois de 1736. Sendo o primeiro roteiro de 1734, é pouco provável que Quaresma Delgado tenha deixado transcorrerem pelo menos dois anos até a elaboração desse segundo itinerário. É digno de nota, ainda, que o termo “defunto” pode indicar que o autor do roteiro o preparou numa data bem próxima da morte do bandeirante paulista. DELGADO, Joaquim Quaresma. “Derrota das cabeceiras do Rio Verde até a sua barra, e daí ao Arraial dos Morrinhos, e dele correndo o rio de S. Francisco até a barra do Rio Paramirim, e da dita barra pelo dito Paramirim, acima até a fazenda do Riacho de Sta. Apolonia, e da dita fazenda correndo a parte direita a Oeste a buscar a serra e por ela acima até o brejo das Carnaubas, e deste a sair na estrada da Bahia na fazenda das Barrocas”, [173-]. *Publicação Oficial de Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo*, São Paulo, v. XLVIII, p.133, 1929. CARVALHO FRANCO, Francisco de Assis. *Dicionário de bandeirantes e sertanistas do Brasil: séculos XVI - XVII - XVIII*. Rio de Janeiro: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1953. Devo ainda acrescentar que o parecerista anônimo que opinou sobre a publicação do presente artigo trouxe contribuição documental decisiva para a hipótese acima colocada. Em carta ao rei, datada de 30 de junho de 1734, o conde de Sabugosa informa da morte do coronel Garcia d’Ávila, do coronel Pedro Barbosa Leal, do sertanista Estevão Raposo [Bocarro], do coronel Salvador Cardoso de Oliveira e de Januário Cardoso. Arquivo Histórico Ultramarino/Bahia. Cx. 48, doc. 4264. Ademais, lembra o parecerista, os roteiros de Quaresma Delgado foram incluídos no código de notícias do governo do conde de Sabugosa, que se encerrou em 1735. ANÔNIMO. Formulário de parecer, [2007].

Jacobina e Rio das Contas. É possível, portanto, que as viagens tenham durado alguns anos, interrompendo-se em alguns períodos, por razões de ordem financeira, para recomeçar a seguir.²⁵

Os roteiros de Quaresma Delgado, sem o mapa ou os mapas, foram originalmente incluídos numa coleção de documentos relativos ao governo do Conde de Sabugosa (1720-1735), hoje arquivada no *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*.²⁶ A primeira publicação que conheço dos roteiros foi realizada parcialmente em 1906 por Felisbello Freire.²⁷ O autor utilizou cinco desses itinerários como fontes para o seu estudo do povoamento dos estados da Bahia, Sergipe e Espírito Santo. Em 1929 o periódico *Documentos Interessantes para a história e costumes de São Paulo* publicou três dos roteiros. Urbino Vianna, em obra que permanece sendo uma das referências sobre a conquista e o povoamento brasileiro do sertão baiano e mineiro, publicou e estudou dois dos roteiros, construindo, num mapa esquemático, uma valiosa reconstituição do itinerário seguido por Quaresma Delgado nas viagens que originaram os dois textos.²⁸ Em dissertação de Mestrado defendida em 2004, a ser publicada pela *Editora da Universidade de São Paulo*, estudei um dos roteiros, no qual o explorador traça o seu percurso pelo vale do rio Verde Grande.²⁹ O itinerário de Quaresma Delgado pelas terras marginais a esse rio me foi extremamente útil para elaborar um mapa do que teria sido a região localizada entre o médio superior São Francisco e o Verde Grande na década de 30 do século XVIII.³⁰ Recentemente um grupo de pesquisadores baianos publicou um minucioso estudo de vários relatórios de viagem por regiões do sertão baiano, entre os quais os seis roteiros elaborados por Quaresma Delgado.³¹

No trabalho de Mestrado utilizei um dos roteiros de Quaresma Delgado como suporte documental da reconstituição do povoamento da região então estudada. Não obstante, os itinerários escritos do explorador podem ser percebidos sob uma outra perspectiva. Com efeito, a hipótese que norteia o presente estudo é que esses roteiros textuais indicam um novo tratamento das informações coletadas em campo, que já se pode considerar próximo de uma abordagem “ilustrada” do objeto. Como tentarei mostrar a seguir,

25 Numa das cartas citadas, o conde de Sabugosa comenta que “a impossibilidade [financeira] do dito Joaquim Quaresma é notória”. “CARTA para o Mestre de Campo Pedro Leolino Mariz”, 19/6/1732. *Anais do Arquivo Público do Museu do Estado da Bahia*, Bahia: Imprensa Oficial do Estado, v. VI e VII, p.284, 1920.

26 “Índice de várias notícias pertencentes ao estado do Brasil, e do que nele obrou o Conde de Sabugosa ao tempo do seu governo”, Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, códice 346, fls. 112-129. Esses originais não foram consultados para o presente estudo.

27 FREIRE, Felisbello. *História territorial do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo. Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, 1998.

28 VIANNA, Urbino. *Bandeiras e Sertanistas Bahianos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

29 SANTOS, Márcio Roberto Alves dos. *Bandeirantes paulistas no sertão do São Francisco e do Verde Grande: 1688-1732*. Belo Horizonte: UFMG, 2004. (História, dissertação de mestrado).

30 SANTOS, Márcio Roberto Alves dos. *Bandeirantes paulistas no sertão do São Francisco e do Verde Grande: 1688-1732*, p.166.

31 NEVES, Erivaldo Fagundes; MIGUEL, Antonieta. *Caminhos do sertão: ocupação territorial, sistema viário e intercâmbios coloniais dos sertões da Bahia*. [Salvador]: Editora Arcadia, 2007.

tanto o contexto em que se deram as viagens de Quaresma Delgado quanto o seu resultado final, materializado nos roteiros textuais, expressam uma mentalidade nova, próxima do racionalismo iluminista.

Uma das óbvias alternativas que se colocam para essa demonstração seria um trabalho comparativo, por meio do qual se confrontassem os roteiros de Quaresma Delgado com, por exemplo, relatos sertanistas do século XVIII. Não creio, todavia, que esse seja o melhor caminho. Uma análise comparativa desse tipo basear-se-ia numa divisão esquemática de tempos e modos, por meio da qual determinados documentos seiscentistas, elaborados por sertanistas autônomos, seriam considerados típicos de uma atitude não-ilustrada, enquanto os roteiros setecentistas de um explorador que atuava por iniciativa da Coroa seriam tratados como emblemáticos do espírito iluminista. Essa separação expressa, na realidade, um esquematismo anacrônico, imposto *a posteriori* à realidade estudada.

Prefiro, pelo contrário, perceber os relatos de Quaresma Delgado como característicos de uma zona fronteira entre uma atitude seiscentista perante o território colonial e uma atitude proto-científica de abordagem desse espaço. Nesse sentido, os roteiros, elaborados num momento que me parece possa ser considerado de junção entre dois tempos históricos distintos, são documentos privilegiados para a análise histórica. Não se tratam, ainda, das expedições científico-demarcatórias da segunda metade do século XVIII, compostas por estudiosos e técnicos das mais variadas especialidades, procedentes tanto de Espanha e Portugal quanto de outras regiões européias, especialmente a Itália. E, menos ainda, das pesquisas dos naturalistas que percorreram o Brasil nas primeiras décadas do século seguinte, principalmente Saint-Hilaire e Spix e Martius, autores de relatos plenos de objetividade científica, rigor metodológico e densidade analítica. Mas tampouco as pesquisas realizadas por Quaresma Delgado estão em linha de continuidade com a exploração sertanista do interior do território colonial, levada a cabo no século XVII, especialmente na sua segunda metade, por bandeirantes e entradistas paulistas, baianos e reinóis. Os relatos do explorador pertencem, assim, a um momento histórico de transição, no qual o bandeirismo já arrefecera como prática relativamente autônoma, ainda que parcialmente inserida nas disputas territoriais entre Espanha e Portugal na América ibérica, e que não vira ainda nascer a mentalidade racionalista que orientaria as relações geopolíticas entre as duas coroas a partir do meado do século.

A motivação inicial do empreendimento de Quaresma Delgado, como se viu, é a demanda régia por uma descrição geoeconômica dos sertões das Minas Novas. A Coroa queria conhecer a capacidade produtiva das novas jazidas auríferas, as condições de transporte do ouro até a costa, as povoações da região. Demandava ainda, fato significativo, que de todas essas observações se fizessem mapas.

Ainda que o explorador escolhido pelo vice-rei não fosse engenheiro, como mandava inicialmente a Coroa, o vice-rei vira nele uma pessoa apta a realizar o empreendimento exploratório. Beatriz Bueno trata do que chama “a eterna carência de engenheiros” nas conquistas portuguesas.³² Cita um documento, de 1765, em que o vice-rei Conde da Cunha declara que, além de não dispor de um engenheiro para as obras de reparo das fortalezas do Rio de Janeiro, não dispunha tampouco de “um curioso que possua a mínima luz da importante arte de engenheiro”.³³ Trinta e quatro anos antes, quando presumivelmente a carência de engenheiros na colônia seria ainda mais aguda, a designação de um “piloto” que o Conde de Sabugosa considerara prático, curioso e inteligente parece ter resolvido o problema da exploração do interior da Bahia.

As instruções do vice-rei para Quaresma Delgado, nas quais solicitava “boa ordem, distinção e clareza” no relato da sua exploração, eram típicas de um período em que o método se afirmava como um dos pilares do trabalho científico. A análise dos roteiros leva à conclusão de que essa expectativa foi plenamente atendida. Quaresma Delgado constrói os seus relatos dividindo em parágrafos as sucessivas etapas da jornada. Em cada parágrafo cita pormenorizadamente os lugares percorridos, especificando a distância entre eles e fornecendo diversas observações sobre a configuração natural e a ocupação humana dos terrenos explorados e da região circundante.

O maior roteiro tem, assim, nada menos que 71 parágrafos. Corresponde à viagem terrestre de Quaresma Delgado por regiões marginais de três grandes eixos fluviais – o Verde Grande, o médio São Francisco e o Paramirim –, para dar nas proximidades da nascente do rio das Rãs, afluente pela margem direita do São Francisco.

Como os demais, esse roteiro é de cunho técnico. O sertanista enumera esquematicamente os trechos da sua viagem, identificando as fazendas de gado, povoações e algumas edificações que encontrou, e caracterizando, paralelamente, a situação dos caminhos percorridos. Os nomes dos proprietários das fazendas e as distâncias entre elas são também fornecidos. Não se trata, portanto, de um relato de impressões livres sobre a região pesquisada, mas de um roteiro preciso, cujo objetivo era, sem dúvida, não só atender à demanda da Coroa, como também guiar futuros viajantes. Por isso, Quaresma Delgado ressaltava sempre as condições dos caminhos por ele utilizados, que atravessavam os catingais da região. A configuração natural da zona é percebida, invariavelmente, do ponto de vista do caminho. O sertanista conheceu todo o vale do Verde Grande, tendo passado pelos campos, fazendas e povoações então existentes na sua margem direita,

32 BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. *Desenho e designio*, p.172.

33 *Apud* BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. *Desenho e designio*, p.173.

que era território da capitania da Bahia, e esquerda, cujas terras pertenciam à capitania das Minas Gerais.

Sucedem-se, desta forma, observações como “bom caminho de caatingas e seu campo”; “bom caminho por dentro de caatingas altas”; “boca da caatinga”; “bom caminho de mata varjaria [sic]”. A topografia dos terrenos cortados é, quase sempre, plana, mas em alguns trechos o explorador indica acidentes como “ladeirinhas pequenas” ou “caminho frágido”. As condições de provimento de água, preocupação constante dos viajantes, foram especificadas: “bom caminho com suas lagoas”; “travessia sem água até sair fora ao rio Gorurutuba [Gorutuba]”; “água atrás da casa em uma ipueira ou lagoa”. O sertanista deve ter viajado no período seco do ano, pois passou por uma via que caracteriza como um “bom caminho no tempo da seca, que nas águas é tudo alagadiço, caatingas e varjas”. Os cursos hídricos são sempre indicados: “barra do rio Verde Pequeno”; “passagem do rio Verde Grande”; “bom caminho, à beira do rio de S. Francisco”, “passagem do rio das Rãs”.³⁴

Os elementos antrópicos da paisagem são identificados no roteiro, tendo Quaresma Delgado se preocupado em localizar com precisão cada fazenda da área percorrida, incluindo nessa relação também as propriedades que não chegou a conhecer. Os dois arraiais visitados são igualmente identificados. Em um ou outro trecho o explorador se preocupou em mencionar, no roteiro, o correspondente sinal indicativo que apôs no mapa. Assim, no início do texto, cita um “risco”, que representa a primeira fazenda de gado identificada. A igreja do arraial de Morrinhos, que se tornara uma das referências mais importantes do povoamento brasileiro da região, merece do sertanista uma “estampa”, que “se acha no mapa vera efigia [sic]”.³⁵

As informações fornecidas pelo explorador nesse roteiro foram tabuladas abaixo.

Informações providas por Joaquim Quaresma Delgado no roteiro de viagem entre a nascente do rio Verde Grande e a Fazenda das Barrocas, nas proximidades da nascente do rio das Rãs (sertão baiano e mineiro) – [173-]

Informação/dado	Número de ocorrências
Topônimos (rios, arraiais, etc.) ^a	29
Propriedades territoriais (fazendas de gado, engenhos, etc.)	79

34 DELGADO, Joaquim Quaresma. “Derrota das cabeceiras do Rio Verde até a sua barra... *Publicação Oficial de Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo*.

35 DELGADO, Joaquim Quaresma. “Derrota da Vila do Rio das Contas, entrando nos Crioulos... *Publicação Oficial de Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo*.

Informação/dado	Número de ocorrências
Propriedades mercantis (venda)	1
Proprietários ^b	69
Distâncias por estrada	84
Distâncias em linha reta	75
Condições dos caminhos ("bom caminho", "caminho fragoso", etc.)	56
Formas de ocupação econômica (criação de gado, engenhos, venda de mantimentos, etc.)	62
Topografia ("serra", "ladeirinhas", "pé da serra", "plano", etc.)	21
Hidrografia (rios, ribeirões, veredas, lagoas, ipueiras, várzeas)	37
Vegetação (caatingais, árvores)	39
Geologia (lapa)	1
Edificações urbanas (igreja)	1
Medidas de interiores de edificações urbanas (altares)	2
Localização geográfica ("sul-sudoeste", "oeste", etc.)	9
Jurisdição político-administrativa ("distrito do Serro Frio", "parte da Bahia")	7
Remissões ao mapa	6
Total	578

Fonte: DELGADO, Joaquim Quaresma. "Derrota das cabeceiras do Rio Verde até a sua barra, e daí ao Arraial dos Morrinhos, e dele correndo o rio de S. Francisco até a barra do Rio Paramirim, e da dita barra pelo dito Paramirim, acima até a fazenda do Riacho de Sta. Apolonia, e da dita fazenda correndo a parte direita a Oeste a buscar a serra e por ela acima até o brejo das Carnaúbas, e deste a sair na estrada da Bahia na fazenda das Barrocas". ARQUIVO do Estado de São Paulo. Documentos relativos à história da capitania de S. Vicente e do bandeirismo (1548-1734), existentes no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, coligidos, copiados e anotados, de ordem do Governo do Estado. *Publicação Oficial de Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo*, São Paulo, v. XLVIII, p.129-143, 1929.

Notas: ^a As fazendas de gado, profusamente identificadas no roteiro pelo seu nome, não foram classificadas como topônimos, para evitar sobreposição de dados na tabela. Deve-se notar, no entanto, que numa zona de perfil rural, como a percorrida, as propriedades territoriais tornam-se também lugares referenciais para a região. ^b Na quase totalidade dos casos, o autor do roteiro identificou os proprietários das unidades econômicas citadas. A diferença entre o número de propriedades e o número de proprietários deve-se ao fato de que alguns desses possuíam dois ou mais estabelecimentos.

As seguintes qualidades podem ser ressaltadas a partir da análise quantitativa desse roteiro:

1. Profusão de informações e dados. Uma estimativa grosseira indica que o explorador deve ter percorrido algo em torno de 1.300 quilômetros na viagem que originou o roteiro acima estudado. Foi capaz, no trajeto, de registrar um total de 578 informações e dados, perfazendo uma média de uma informação/dado a cada 2,2 quilômetros percorridos. A análise do roteiro indica que Quaresma Delgado registrou todas as fazendas pelas quais passou, resultando em uma distância média de 16 quilômetros entre uma fazenda e outra, dado que, subsidiariamente, pode fornecer

um indicador do padrão de ocupação fundiária da região.³⁶ A par das informações e dados sobre a configuração natural dos terrenos que percorria, o explorador deteve-se também nos elementos antrópicos, chegando ao detalhe de, por exemplo, medir a extensão do altar da igreja do arraial de Morrinhos.

2. Objetividade e método. A preocupação em seguir à risca as instruções recebidas do vice-rei, registrando passo a passo o que observava, levou Quaresma Delgado a produzir roteiros diretos, objetivos e esquemáticos. No roteiro acima estudado o explorador não se desvia, em passagem alguma, de um esquema prévio de registro. Cada parágrafo do texto corresponde a um trecho do percurso. Para cada trecho, informa o ponto inicial e o ponto final, a distância percorrida pela estrada, a distância em linha reta, a condição do caminho, as características da topografia e da vegetação, os cursos hídricos existentes, a forma de ocupação econômica e os proprietários dos estabelecimentos. Em diversos trechos acrescenta informações adicionais, tais como questões de jurisdição político-administrativa e referências de localização geográfica.
3. Precisão. Quaresma Delgado preocupou-se em ser preciso nas informações e dados fornecidos, medindo as distâncias em léguas e frações de légua, caracterizando o perfil de acidentes naturais importantes, como o morro de Bom Jesus da Lapa, que mereceu um desenho rascunhado no meio do texto, e indicando sempre os melhores caminhos para os viajantes que viessem a utilizar o seu roteiro. Seguramente o explorador dispunha de instrumentos e de conhecimento técnico para efetuar medições de distâncias em linha reta, sem necessariamente percorrer o espaço medido. Essa é uma inferência direta do fato de que, em 75 das 84 indicações de distância pela estrada, Quaresma Delgado tenha citado, adicionalmente, também a distância em linha reta entre os pontos inicial e final do trecho percorrido.

Deve-se observar, no entanto, que o explorador não se preocupou em medir a altura de acidentes naturais e edificações importantes, tais como o morro de Bom Jesus da Lapa e a igreja do arraial de Morrinhos. A indicação da altura de acidentes naturais não parece, com efeito, ter sido comum no período.³⁷

36 Realizei essa análise na dissertação de Mestrado. SANTOS, Márcio Roberto Alves dos. *Bandeirantes paulistas no sertão do São Francisco e do Verde Grande: 1688-1732*.

37 Manoel de Azevedo Fortes, engenheiro-mor do Reino, em obra escrita em 1729, ensina detalhadamente como desenhar montes numa representação cartográfica, mas não faz nenhuma menção à indicação de alturas. Nos mapas dos padres matemáticos é aplicada a técnica básica da representação de cordilheiras e serras por meio de desenhos oblíquos de pequenos morros, sem preocupação com a dimensão da altura. Essa técnica simples era utilizada pelo menos desde o início do século, como atestam figuras semelhantes no mapa do padre Cocleo, que deve ter sido elaborado entre 1699 e 1702. Thrower afirma que o método do hachuramento, utilizado para indicar a inclinação de terrenos em cartas geográficas, só foi sistematizado em 1799. FORTES, Manuel de Azevedo. *O*

Em nove situações o explorador se preocupou em fornecer indicações de localização geográfica, refinando-as, algumas vezes, em referências como “su-sudoeste”. A ausência de coordenadas geográficas ao longo dos roteiros, por seu turno, pode ser explicada em função do tipo de exploração realizada, que quase sempre se dava ao longo das margens de eixos fluviais conhecidos ou em estradas regularmente percorridas. No final de um dos seus roteiros, Quaresma Delgado mostra conhecer com razoável aproximação a latitude da foz do rio Jequitinhonha, identificado na sua chegada ao litoral como “rio Grande”, que ele estima ser de 15° e 2/3.³⁸

Levantamento topográfico e interesse geopolítico

Thrower identifica os três tipos de mapa definidos pela classificação tradicional: (a) de escala pequena ou geográfica; (b) de escala média ou intermediária; e (c) de escala grande ou topográfica.³⁹ Essa última classe consistiria na “representação sistemática de uma pequena parte da superfície terrestre, mostrando características físicas (relevo, hidrografia) e características culturais (estradas, fronteiras administrativas)”. “Esses mapas em escala grande”, continua o autor, “apresentam tanto as características horizontais quanto as verticais numa forma mensurável”.⁴⁰ Ainda que não conheçamos o mapa ou os mapas produzidos por Quaresma Delgado, não há dúvida de que essas peças, cuja tradução textual se encontra nos roteiros aos quais temos acesso, constituíam um registro cartográfico, de tipo *topográfico*, do sertão baiano e mineiro da América portuguesa.

Os roteiros – ou derrotas, para utilizar o termo coevo, com o qual o explorador intitula os seus relatos – de Quaresma Delgado representam um esquadramento técnico do território. Profusão de informações, objetividade, método e precisão são qualidades típicas de uma percepção técnica do espaço, que é submetido a uma espécie de radiografia, a partir de um questionário prévio de perguntas objetivas. À finalidade imediata do empreendimento exploratório de Quaresma Delgado, de registrar com precisão as condições geoeconômicas do sertão baiano e mineiro, observando caminhos, povoações, rios, serras e outros elementos naturais e antrópicos da paisagem, se antepunha o objetivo geral do esquadramento do território.

engenheiro português. Lisboa: Direcção da Armada de Engenharia, 1993. THROWER, Norman Joseph William. *Maps and civilization: cartography in culture and society*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1972.

38 DELGADO, Joaquim Quaresma. “Derrota do Rio das Contas para as Minas Novas do Arassuaí”, [173-]. In: FREIRE, Felisbello. *História territorial do Brasil*. Edição fac-similar. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1998. p.532. A latitude correta é de 15°51’ para o braço sul do rio. Quaresma Delgado “errou”, portanto, por apenas meio grau.

39 THROWER, Norman Joseph William. *Maps and civilization*, p.81.

40 THROWER, Norman Joseph William. *Maps and civilization*, p.258.

Já estariam presentes, portanto, na década de 30 do XVIII, os primeiros sinais daquele esforço de inventariar as colônias, que Munteal Filho localiza na segunda metade do século, em especial no período mariano e joanino. Estava em curso a produção de um “saber que se constituiu utilitário, ou seja, de um conhecimento de fim prático e inserido nos termos de uma nova descoberta do Novo Mundo”.⁴¹ O saber utilitário constitui, assim, uma das chaves para a compreensão do levantamento realizado por Quaresma Delgado, no sentido de que explica o empreendimento como um conhecimento técnico que se aplica a um território, com o objetivo de controlá-lo. A quantificação, a medição, o registro controlado, a observação dirigida, a utilização das formas complementares do roteiro e do mapa são elementos que constituem o corpo de um saber técnico, voltado para a ampliação do controle metropolitano sobre o território. Como escreve Bueno, “tanto quanto qualquer arma de fogo, foi o desenho um dos mais eficientes instrumentos de uma ação colonizadora; um dos veículos capazes de dar à Coroa a medida do seu Império e materializar nas ‘*Conquistas*’ a presença de um rei ausente”.⁴² O empreendimento de Quaresma Delgado é, nesse sentido, um trabalho técnico, racionalista e proto-científico a serviço de um interesse de Estado. Podemos, assim, considerá-lo típico da primeira metade do século das Luzes.

Se forem razoáveis essas conclusões, é possível relativizar as três teses sobre a cartografia setecentista luso-americana, expostas na segunda seção deste texto. Um recorte sincrônico mostraria que no mesmo período em que os padres matemáticos executavam a sua missão e produziam mapas topográficos de regiões centrais e meridionais do Brasil, Quaresma Delgado realizava, a partir de pelo menos cinco viagens pelo sertão baiano e mineiro, um extenso mapeamento topográfico da região. Não se trata, aqui, de “comparar” os levantamentos realizados por diferentes agentes em distintas regiões da América portuguesa, mas de reconhecer que o esquadramento sistemático do território brasileiro, empreendido segundo métodos científicos, não se limitou, na primeira metade do século XVIII, ao trabalho dos padres matemáticos. O início do levantamento topográfico do interior brasileiro, conduzido por uma metodologia de investigação típica da ciência ilustrada, parece ter se dado, na década de 30, a partir de empreendimentos levados a cabo simultaneamente tanto por representantes insígnies do saber científico europeu, como Domingos Capassi e Diogo Soares, quanto por “pilotos” práticos, como Quaresma Delgado.

Distintos objetivos geopolíticos orientavam a organização desses empreendimentos. Se nas regiões fronteiriças com os domínios espanhóis

41 MUNTEAL FILHO, Oswaldo. Memórias, reformas e acadêmicos no império luso-atlântico. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 416, p.13-66, 2002, p.38.

42 BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. *Desenho e designio*, p.9.

tratava-se da disputa territorial entre as duas Coroas pela posse das terras interiores do subcontinente, no sertão baiano e mineiro o fortalecimento da mineração de metais preciosos e de salitre continuava a ser um objetivo claramente definido para a metrópole portuguesa. Mas é notável que o levantamento realizado por Quaresma Delgado, originalmente voltado, pelas instruções do vice-rei, para a circulação entre as regiões mineradoras do interior da Bahia e das Minas Gerais, e entre essas e a costa, tenha se dado também sobre extensos territórios pecuários das duas capitânias. Cumprindo detalhadamente as instruções do conde de Sabugosa, que por sua vez eram uma ampliação da ordem régia que originara as viagens do explorador, Quaresma Delgado acabou por produzir um levantamento topográfico que é muito mais uma representação textual e cartográfica de extensas regiões criatórias do que uma simples avaliação de rotas terrestres para lugares de extração mineral.

Essa linha de análise permitiria recuar até a década de 30 do Setecentos um ponto de junção histórica que comumente é reconhecido apenas no meado do século. Datariam da quarta década as primeiras ações oficiais de levantamento topográfico de amplas regiões da América portuguesa, nas quais já se aplicavam métodos científicos ou técnicos característicos do conhecimento ilustrado. Esses empreendimentos de investigação se deram em regiões confinantes ou não com os domínios espanhóis, mas tiveram como pano de fundo comum o interesse geopolítico da Coroa em ampliar e consolidar o controle metropolitano sobre as terras interiores da América portuguesa.

Relatos de reconhecimento

Os levantamentos topográficos geravam conjuntos expressivos de informações e dados que, depois de agrupados e classificados, passavam a constituir o corpo de conhecimento a que Edney denomina *arquivo geográfico*.⁴³ Em linha direta com a mentalidade enciclopédica da Ilustração, ganhou força no século XVIII a idéia de construção de um arquivo geográfico universal, que abrigasse um *corpus* de dados de todas as regiões do mundo e que se pudesse continuamente alimentar e corrigir. Esse arquivo universal funcionaria como a réplica intelectual do mundo, o duplo da realidade.

Ainda que a idéia de um arquivo universal fosse evidentemente uma quimera, os levantamentos topográficos possibilitavam a formação de numerosos micro-arquivos particulares, que, com o refinamento das práticas científicas ilustradas, passavam a representar corpos privilegiados de dados sobre regiões específicas do mundo. Duas práticas geográficas

43 EDNEY, Matthew H. Reconsidering Enlightenment Geography and Map Making: Reconnaissance, Mapping, Archive. In: LIVINGSTONE, David N.; WITHERS, Charles W. J. *Geography and enlightenment*.

distintas e inter-relacionadas possibilitavam a alimentação desses arquivos geográficos: o *reconhecimento* e o *mapeamento*. O reconhecimento pode ser entendido como a prática geográfica estabelecida ao longo de uma rota de viagem, por meio da qual os caracteres constituintes da paisagem são observados, examinados e documentados. Trata-se de uma narrativa empírica diretamente conectada à rota linear do viajante e, portanto, produzida a partir de uma perspectiva observacional de grande escala. O mapeamento, por seu turno, implica a conceitualização sistemática e a descrição de áreas discretas da superfície terrestre. Os mapas e os textos produzidos como seus suportes no século XVIII – as memórias geográficas – “ênfaticam o estruturado e coerente espaço do mundo e as inter-relações dos fenômenos no interior desse espaço”.⁴⁴ Assim, enquanto o reconhecimento diz respeito à observação empírica direta do viajante, o mapeamento parte de uma reconstrução analítica de um conjunto de fenômenos. Ambas as práticas são essencialmente produtos da ciência ilustrada:

O reconhecimento e o mapeamento replicam o mundo como um museu conceitual que poderia ser indefinidamente expandido, de modo a acomodar informações geográficas cada vez mais extensivas e intensivas. Ao fazer isso, eles epitomam e legitimam a epistemologia enciclopédica do Iluminismo.⁴⁵

A prática do reconhecimento tinha como produto o *relato de reconhecimento*. Edney o define como “uma narrativa linear que replica a rota do observador através do mundo e cada um dos seus atos de observação”. “A presunção”, continua o autor, “era de que cada fenômeno registrado na narrativa tinha de fato sido visto e conhecido pelo viajante num momento específico e, portanto, num lugar específico, durante a jornada”.⁴⁶ Num período essencialmente empirista, supunha-se que a verdade científica adviria da observação direta dos fenômenos, mas é evidente, como ressalta Edney, que a ênfase retórica na experiência visual escondia o fato de que a razão determinava a seleção dos fenômenos a serem examinados e guiava a sua posterior classificação.

O objetivo central dos relatos de reconhecimento era enumerar os detalhes de cada lugar específico, de forma a situá-lo no espaço geográfico maior representado pelo mapa geral. Cada um dos inúmeros lugares identificados no relato de reconhecimento passava a ter, assim, uma localização na paisagem descrita e no mapa geral construído a partir do conjunto de paisagens.

44 EDNEY, Matthew H. Reconsidering Enlightenment Geography and Map Making: Reconnaissance, Mapping, Archive. In: LIVINGSTONE, David N.; WITHERS, Charles W. J. *Geography and enlightenment*, p.190.

45 EDNEY, Matthew H. Reconsidering Enlightenment Geography and Map Making: Reconnaissance, Mapping, Archive. In: LIVINGSTONE, David N.; WITHERS, Charles W. J. *Geography and enlightenment*, p.190.

46 EDNEY, Matthew H. Reconsidering Enlightenment Geography and Map Making: Reconnaissance, Mapping, Archive. In: LIVINGSTONE, David N.; WITHERS, Charles W. J. *Geography and enlightenment*, p.176.

O estilo retórico dos relatos de reconhecimento traduzia uma aproximação do mundo objetivo que circundava o viajante, que, portanto, não se introduzia subjetivamente na narrativa. Além disso, os relatos de reconhecimento usualmente se detinham em detalhes cotidianos ou repetitivos e incluíam gráficos, medidas e dados estatísticos. Relatos de reconhecimento, produzidos por mercadores, missionários, oficiais civis e militares, cientistas, pesquisadores e mesmo turistas, foram muito comuns durante a Ilustração, mas, assim como as memórias geográficas, caíram em desuso no século XIX, com o refinamento das práticas científicas de coleta e análise de dados.

Os roteiros de Quaresma Delgado são típicos relatos de reconhecimento, nos quais, como enfatizei anteriormente, a enumeração de lugares, a medição de distâncias, a descrição metódica de elementos naturais e antrópicos da paisagem e o estilo retórico impessoal e objetivo são, entre outros traços, característicos de um período em que a exploração e o mapeamento territorial se fortaleciam como práticas científicas ilustradas. O texto – o relato de reconhecimento – e a imagem cartográfica – o mapa – funcionam, no reconhecimento territorial realizado por Quaresma Delgado, como elementos constituintes mutuamente complementares de uma abordagem técnica cujo propósito central é traduzir, numa linguagem controlada, as paisagens naturais e humanas observadas pelo explorador.

Os relatos de reconhecimento de Quaresma Delgado permitem, como vimos, reposicionar a tradicional periodização da investigação geográfica setecentista do território brasileiro. Mais do que isso, possibilitam entrever as especificidades históricas da produção e recepção de práticas ilustradas num espaço colonial de grande extensão e ocupação descontínua como o interior da América portuguesa. É possível que se encontre na espacialidade, tomada como base de articulação de um saber utilitário que se aplica a um território, uma das chaves para a compreensão histórica da Ilustração luso-americana.